

# CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

## COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:  
Por mez 500  
Pagamento adiantado

Publicação semanal

STA. CATHARINA—Desterro, 13 de Agosto de 1888

Escriptorio da Redacção,  
á rua do Senado  
N. 17

N. 17

### Contos originaes

#### VI

O dia despontara sombrio e triste, como d'alma da virgem nascem os primeiros suspiros magoados pela descrença do amor.

Atravez do rendilhado tremulo e acinzentado da plenitude sombria, d'entre uma curvidade azul toldado que formava-se ao lado do levante, de quando em vez, medroso surgia o sol, fictando os sorrisos tristes da natureza que corôava-se de pallidos vestigios, ao receber seus fracos raios que semi-morrendo, de novo occultavam-se timidamente.

Os passarinhos, brincando na relva scintillante de orvalho, formavam um concerto de melodias amorosas e melancolicas que perdiam-se pelos ares cheias de poeticos attractivos; e o brando ciciar da aragem matutina, perpassava subtilmente pelos frondentes arvoredos copados, levando rasteiras á gramma as folhinhas seccas que embaraçavam-se nas inebriantes videiras que preguiçosamente se estendiam nos cercados d'aldeia.

Oito horas soam, e n'este momento parte á morada eterna, o prestito funebre que conduz o cadaver de Simeão, deixando Alzira entre os cuidados da extremosa vizinha, entregue, para sempre, á mais acerba dôr da auzenzia que desde então, lavrando no acabrunhado horisonte de su'alma os vinculos da negra flôr—Saudade, coava seus longos soffrimentos na fonte de amarguras que, desbotando sensivelmente o colorido da tenue luz de suas primaveras, ia aos poucos, afogando em effluvios de veneno a sua primorosa existencia; e, qual nauta desanimado que, vendo a sua fragil barca arrojada pelas lufadas dos ventos e das aguas, sente com ella, envolta de desesperações e pavôr, mergulhar a esperança e a vida no pelago profundo do abysmo immenso e eterno, assim Alzira, recatada no silencioso quarto da vizinha, apesar dos rogos d'esta, sem querer tomar alimentação alguma, longe e perdida do ente que mais idolatrava, sentia completamente

negar-se-lhe a persistencia da coragem, para resignar-se com tamanha fatalidade; e sem a menor excitação, indifferente a tudo, percebia atravez do desanimo que dominava-a, fugirem uma á uma as suas illusões.

A tarde tombava triste nas bordas do occidente, e aos hymnos vagos do crepusculo, avisinhava-se a noite; chegam emfim as horas do descanso da lida diurna, e Alzira, sem poder conciliar o somno, impressionada e timida, parecia ouvir a cada momento a moribunda voz do avô, chamando-a na ultima hora da agonia; só pela madrugada, a custo, um somno inquieto e cheio de pezadellos veio cerrar-lhe as palpebras por alguns instantes; via constantemente seu avô em sonhos, acordava-se assustada em sobresalto e sentava-se na cama; era impossivel por mais que tentasse desenvolver-se de tão recentes recordações, e deu graças a Deus ao observar pelas frestas da janella do quarto, a claridade indecisa da manhã que annunciava o dia.

Cedo levantou-se ella, abatida pelos terrores da noite, e dirigindo-se á janella do seu aposento, contemplou por instantes o azul do céu, e logo retirando-se, sentio escurecer-lhe a fronte uma nuvem cheia de presagios, e mais carregada de tristezas; então, dos languidos olhos rolaram vagarosamente as lagrimas da Saudade.

A pallidez d'aquelle rosto angelico e as fundas olheiras, cujos rôxos circulos cingiam-lhe as palpebras, denunciavam-a victima das longas noites de insomnias que não tardariam a prostral-a n'um leito.

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro—1888.

(Continúa)

### O que é a terra ?

Eu creio que a terra é um grande monstro redondo, um vivo, que tem alma, que sente e que pensa, que ri e que chora, que trabalha e que dorme.

No seu vasto e profundo throno de pedra existe de certo, ainda por sustentar, um enormissimo coração, latejando e resfolegando como uma forja fabulosa de cyclopes, onde o sangue negro, o sangue venenoso deve engolfarse, tonitroando em catadupas do Niagara para sahir rejuvenescido e resplandescendo em milhares de Amazonas tormentosos, que o espalharam em ondas de vida creadora por todos os labyrinthos do seu organismo descommunal.

As plantas e as arvores, que cobrem uma grande parte do globo, são apenas, em relação a elle, uma insignificante erupção herpetica—de caracter benigno.

O Himilaia é uma borbulha; o Vesuvio é um antraz.

E o homem ? Ah ! o homem, esse rei da criação não é mais que um animalculo invisivel, qualquer cousa parecida a um mosquito dividido por cem, poisado sobre um Leviatham multiplicado por mil.

Ora, é claro que n'um monstro, cujo corpo tem mil leguas quadradas de superficie, o menor estremecimento e o menor fremito represente para nós um cataclismo pavoroso. Todas as assombrosas Babeis que a humanidade ha milhões de annos tem levantado triumphalmente para o azul, desde Thebas, Roma, Ninive e Babilonia até Londres, Pariz e New-York—toda essa obra extraordinaria de centenas de seculos poderia a terra desmoral-a n'um minuto, de uma maneira bem simples, com ataque de nervos.

E quem sabe se o globo em vez de morrer, como vaticina a sciencia, de amollecimento de cerebro, não morrerá, pelo contrario, na força da vida e da saude, de uma apoplexia fulminante—o terremoto universal ?

Emfim, diante das fatalidades horrosas e irremediaveis da natureza, eu sinto-me feliz por fazer parte do miseravel formigueiro humano n'uma época de solidariedade cosmopolita, em que um rugido de dôr ou um estampido de catastrophe se repercutem dentro de duas horas pela superficie do mundo inteiro, fazendo palpitar generosamente e unicamente todos os cora-

ções, como os grandes sinos de bronze de todas as torres de uma cidade immensa dobrando o rebate n'um côro titanico, perante um incendio colossal.

GUERRA JUNQUEIRO.

### Uma hora no campo

A' FERNANDO CALDEIRA

—Sentemo-nos. Foi longa a viagem. O teu semblante, formoso sempre e rosado, empallidece á proporção que teu peito mal reprime os suspiros que o afogam.

—Sentemo-nos. Corramos juntos os olhos pelo campo verdejante e alastrado de malvas e jasmims. A tarde está fresca e clara. Os ventos, rumorejando por entre as verdes galhadas das laranjeiras floridas, atiram ao chão enorme quantidade de folhas queimadas. E' uma pena, ver algumas, até despidas de flôres!

O sol, amornando os seus raios, infiltrava em toda aquella extensa e fértil planície uma amorosidade tal, que endoirecia a grama que engrinalda o campo.

A tarde vai definhando, vai esmorecendo, vai cambaleando como um ébrio, esticar-se na esteira verde-escuro que o crepusculo lhe estende.

Debruça-te no meu hombro, adormece, sonha, resfolga, Mimi, que eu velarei por ti.

Estende sobre os teus hombros esta pequena mantilha, cheia de rosas brancas e de pennas côr de rosa. Agasalha-te bem que o vento pôde fazer-te mal. Não te quero vêr doente.

\*

Como é saudavel o ar no campo. Respiremos.

### 3 ROMANCE DO "CREPUSCULO"

#### AS NOITES DE VERÃO

POR

DAMASCENO VIEIRA

Vanda

II

Os polacos recusavam alistar-se porque d'antemão sabiam que destino os aguardava! Lembavam-se bem de que, por occasião da guerra da Criméa, de 11,000 mancebos sahidos do districto da Piotrow só 400 conseguiram regressar á patria, mas mutilados e inúteis, sem outra recompensa que o ser-lhes permittido morrer na terra que lhes servio de infortunado berço.

Esperava-se a todo o momento que alguma potencie estrangeira, por sentimento de humanidade, intercedesse em favor dos fracos... Vã esperança! Todas as nações temiam abrir lucta com o colosso, o monstruoso urso do norte que, cheio de fome insaciavel, sonha ainda devorar a Turquia.

Adormece, sonha, resfolga, Mimi, que maos profanas não ousarão tocar-te. Embalam-te as sonoras canções daquelle bando de moças claras e morenas que regressa da roça, feliz, alegre, embora chicoteado pelo sol de Agosto.

E que bonitas que ellas são nest' hora em que o campo esposa as flôres!

—Olha, Mimi, como ellas saltam, como dansam á roda d'aquella aroeira. Com ellas segue um rapaz pallidamente pensativo, que não dança, mas que grita, que gesticula enraivecido. Vest-te pobremmente que penalisa-me tanto ver-lhe a camisa azul, gravada, sem arte, de remendos brancos!

\*

As raparigas enveredaram para as suas casas, e deixaram a criança, esquecida talvez.

—Olha, Mimi, o menino chora.

Mimi ergueu-se e accenou para o rapaz. O esquecido não deu por isso, e deixou-se ficar no mesmo lugar. Então Mimi tomou-me o braço e instou que a acompanhasse.

\*

O entesinho que ali acampava apenas presentio os nossos passos sentouse e balbuciou:—«Então, me deixaste aqui isolado, mana?» Mimi, segurando-lhe as duas mãosinhas, beijou-as e dirigio-lhe palavras consoladoras.

A criança tentou vêr a dona d'aquelles pulsos que o seguravam tão terna e piedosamente, mas os seus olhos em vão procurando os de Mimi, enducreciam fitando o céu!

—O pobresinho é cêgo, dindinho!

LUIZ NEVES

Desterro, 10 de Agosto, 88.

III

Pedro Melnikow permaneceu oito mezes na companhia da destemida polaca: habituára-se áquellas constantes correrias e adoptára os trajes dos revolucionarios.

A propria Vanda acabára por sympathisar com a marcial figura do capitão e não duvidaria acolhel-o na sua intimidade se a isso não se oppuzesse um secreto receio.

Para attrahir a attenção de Vanda, o official não perdia ensejo de distinguir-se combatendo bravamente ao lado d'ella. Uma occasião livrou-a da morte derribando o soldado que ia traspassar-a com uma lança.

Após a perigosa refréga, na qual os revoltosos soffreram perdas consideraveis, a donzella, impressionada pela valentia do official, teve ideia de incumbil-o de uma arrojada empreza.

—Devo-te a vida, Pedro! Não pareces ter nas veias o sangue da miseravel Russia.

—Desde que te conheço sou polaco pelo coração.

—Não é, porém, de mim que se trata. A causa da revolução acha-se em perigo. E' preciso que salves a mais alguem.

—Dize o que exiges de mim, e os teus desejos são ordens. A quem devo salvar?

### Um passeio

AO SR. JOÃO CAMPOS

Era uma manhã cheia de canções. O sol, prestes a chegar ao zenith, deixava cahir por sobre toda a terra o brilho ardente dos raios brilhantes.

As aves não cantavam, nem as flores presenteavam-nos com os seus perfumes.

Os prados e as fontes, o mar e os arvoredos estavam quedos—como a mudez de uma campã.

O vento começava a vibrar por cima das florestas.

O lavrador alentado revolvia a terra...

Passei, por acaso, por perto de uma casa branca, espaçosa e terrea em cuja sala vi um quadro do—Systema Metrico.

Approximei-me d'ella e consegui, embrenhado no evolucionismo da inspiração, fallar com um homem que estava leccionando, assentado n'uma cadeira. Era uma escola, a escola do Sr. Campos.

O professor assim que viu-me, satisfeito, alegre, risonho e cheio de bondade, disse-me que entrasse.

Entrei, tambem com a alma immersa n'uma lagôa de contentamento.

A escola estava repleta de alumnos: mesmo o professor é bastante habil.

O lugar aonde funciona é pittoresco e sadio, onde os passarinhos, logo de manhã cedo, reúnem-se e formam uma orchestra vibrante, aureoreal e correctã e começam a entoar canções puras como crystal, doces como um lyrio.

Disse-me o mestre que está satisfeito n'aquelle lugar.

Durante a conversação o Sr. Campos mostrou-me o—Livro das matriculas—cujo numero de alumnos está sufficiente para a funcção da aula.

—A' Polonia.

—Que devo fazer para isso?

—Partir immediatamente para S. Petersburgo, procurar o imperador Alexandre e matal-o.

—E' facil, disse o russo com voz firme.

—Dar-te-hei grande recompensa: terás uma fortuna colossal.

—Acima de todos as fortunas eu colloco o teu amor.

—Terás tambem meu amor.

—Que me dás por garantia?

—Consinto que me beijes.

E a moça offereceu a face mimosa e ruborisada pelo pudor.

O sol, prestes a desaparecer no occaso, illuminou o solemne pacto; um de seus raios passando por entre os ramos da floresta, veio cingir as duas frentes na mesma aureola de luz.

A moça estremeceu de intimo jubilo: parecia que o proprio Deus vinha servir de testemunha áquella sagrada união.

Pedro enlaçou-lhe então a delicada cintura, beijou-lhe na face com apaixonado transporte, montou a cavallo e partio na direcção da grande capital.

Si todos soubessem o que é a escola, fonte de luz, fonte de felicidades, talvez a educação da infancia, remuneração á sociedade, por si própria tomasse mais impulso, mais vantagens de progresso.

O mestre é uma utilidade importantissima ao adiantamento nacional, assim como o ether é uma grande necessidade ao nosso organismo.

Elle é o guia do menino que anda sempre de braços dados com o livro, porque dá-lhe preceitos de civilização social, exemplos grandiosos e patentes noções de perseverança e caridade.

O livro é uma doutrina de luz. Por longo tempo, possuido de alegria, admirei-me das uteis explicações d'aquelle professor consciencioso.

Ao retirar-me, despedi-me do Sr. Campos e disse-lhe algumas palayras de ovação pelo modo porque distribue lições aos seus alumnos.

Quando eu vinha nos caminhos, sentia que d'elles surgia um calor ardente e vaporoso: era que o sol quanto mais subia, mais ardor offerencia á terra!

SABBAS COSTA.

Desterro—4—8—88.

PEROLAS DE OPHIR

O casal

Era uma casinha bella, porta verde e muros brancos, alvas cassas na janella, franca entrada aos ares francos.

Nos ledos virentes campos de florinhas sementeado, brilham á noite os pirlampos, de dia o orvalho iriado.

Nedias, contentes crianças, rosea tez, cabellos d'ouro, nos olhos—céos d'esperança, na bocca—aberto thesouro;

brincam colhendo nos prados florinhas rubras e azues, e de bouquets engraçados enchem cestinhos tafues.

Foge o sol reverberando das aguas na branda têla; á flôr do lago brilhando s'estampa a casinha bella.

E enquanto á porta da herdade attenta a esposa saudosa, no valle a rôla mimosa suspira—amor e saudade.

DELMINDA SILVEIRA.

Desterro—88.

Monologando

Só, neste quarto, ouvindo a melodia Dos meus versos singelos e tristonhos, Vou perdendo aos bocados, dia a dia, O que gozei e o que ganhei em sonhos.

Dirão os outros: «Essa dôr é falsa! E' falsa essa tristeza e essa anciedade! A poesia que a dôr somente exalça Pecca por falta de sinceridade...

Ah! soubessem aquelles que assim pensam, Quanto vertemos de profunda magoa, Quantas nuvens no seio se condensam E aos olhos sobem como pingos d'agua;

Ah! soubessem dizer o que dizemos, Ah! soubessem vibrar o que vibramos, —Perder n'uma hora tudo o que perdemos, —Sonhar n'uma hora tudo o que sonhamos!

Certo veriam na poesia um meio De se viver um pouco alliviado, E por instantes dar calor a um seio Na mortalha do inverno amortalhado.

O que era patrimonio da velhice Passou a ser tambem da mocidade, Como os cabellos brancos e a calvice, Os desenganos e a esterilidade.

E' tão commum soffrer, que o soffrimento Parece constituir a humana essencia; A dôr é quasi sempre o sentimento Que mais adhere ao fundo da existencia.

O homem pergunta ao pequenino insecto, Quasi chorando e suffocado de ancia: «Porque a alma havemos de trazer de preto Mesmo na quadra branca e azul da infancia?»

Horriavel pesadelo que nos punge, E com o nosso soffrimento exulta, A alma ao ascoso barro odiento junge E ambos no mesmo carcere sepulta.

Porém descança, coração, descança! Não vale a pena fazer versos tristes, Si te não resta mais uma esperança Coração infeliz, porque ainda existes?

Ninguém nos ouve, estamos sós... espera, Vou soltar nesta alcova onde moramos, Como n'uma manhã de primavera, Os meus canarios e os meus gaturamos.

LUIZ MURAT.

Amor e volupia

A BRIGIDO PEIXOTO

Na vez primeira em que te vi, donzella, Pallida e bella como a luz da lua!... Senti minh'alma resurgir altiva, Presa e captiva n'essa imagem tua!...

Como eras linda, nessa vez primeira, Quando faceira me estendeste a mão!... Quando entre febre resaltou meu peito, A ti sujeito, suspirei então!...

Desde essa hora em que te vi ridente, Feliz, ingente... suspirei então!... Gemi, tremendo... suspirei, chorando... Quando scismando te apertei a mão!...

Fallei, fallaste... te beijei, tremeste... Porém tu lêste no meu peito a dôr! Sobre meus braços te lançaste, virgem, Pela vertigem do primeiro amor!

Então meu peito, palpitando afflicto N'esse conflicto de prazer, de amor, Ao teu unio-se... e, nesse élo puro, Vi meu futuro rebentando em flôr!...

Passaram instantes de prazer, fervores... Por entre as flôres do gentil jardim, Quando, te erguendo, me disseste, qu'rida: —Estou perdida... o que será de mim?!

—Serás só minha, respondeu minh'alma, Colhendo a palma do prazer na dôr... Irei contigo p'r'o deserto serro Longe do erro suspirar—Amor!

TIMOTHEO MAIA.

Desterro—86.

(Dos Cantos Matinaes)

Noite de chuva

Disse-me que voltasse!

Eu prometti, dizendo-lhe: — até logo! Mas chove assim! Como attender-lhe ao rogo! Como voltar, sem que esta chuva passe?

Cá dentro tanto fogo!

E agua tanta lá fóra!... Se eu fumasse? E fumo. Chove... Se eu jogasse? E jogo... Chove mais... Se eu beber? Chove... Ora dá-se?

E sonho-a: — abre-me a porta;

Labios parte n'um riso, olhos requebra, Pende em meus hombros scismativa e absorta...

Tomo-lhe a mão e affago-a...

Oh! quem as grades vis sacóde e quebra D'essas que me detém, cadeias d'agua?...

RAYMUNDO CORRÊA.

## Tita

Á ARTHUR TELXEIRA

Quando nasceu, ella trouxe  
n'alma infantil, virginal  
o effluvio célico e dôce  
da carnação do Ideal!

Vinha embebida no aroma  
da luz, do amor, das paixões...  
como uma ethérea redoma  
para guardar corações.

Quando na curva infinita  
fulgio o seu meigo olhar,  
os astros disséram:—Tita,  
tu nos viéste offuscar!

A Natureza, ao fital-a,  
bradou:—Tu és minha irmã!  
e o céo encheu-se de gála  
nos arrebôes da manhã!...

Ella, essa dôce creança,  
quando nasceu a sorrir,  
trouxe no craneo—a Esperança,  
trouxe nas mãos—o Porvir.

## II

Seus versos sempre impregnados  
de genial esplendor,  
vêm como uns sonhos doirados  
encher minh'alma de amor:

Por isso adôro-a sem vél-a,  
porque eu sei que é um clarão  
feito da luz de uma estrella  
e sangue de um coração!...

CARLOS DE FARIA.

Laguna, 9—8—88.

## NOTICIARIO

## S. D. P. CASSINO CATHARINENSE

Esta briosa sociedade, fundada para  
fins beneficis e uteis á humanidade  
pobre, realisou na noite de 5 do cor-  
rente o seu spectaculo de estréa, le-  
vando á scena o applaudidissimo dra-  
ma—O PODER DO OURO.

Os illustres amadores desempenha-  
ram os seus papeis com muita perfei-  
ção e agrado.

O spectaculo foi em beneficio do  
Imperial Hospital de Caridade d'esta  
cidade.

A' sympathica sociedade desejamos  
longa e feliz duração e sinceramente a  
saudamos.

## S. D. P. FILHOS DE THALMA

Na noite de 4 do corrente, esse grupo  
de moços talentosos realisou mais um  
spectaculo no seu bello theatrinho á  
rua de João Pinto.

Foram todos os papeis bem desem-  
penhados, mostrando o capricho que  
possuem os moços, afim de proseguir-  
em sublimemente.

Mais uma vez á distinctissima socie-  
dade enviamos as nossas felitações pelo  
impulso vantajoso que tem tido na es-  
trada do progresso.

Da Côrte, vindo a 4 do corrente,  
acha-se entre nós o Sr. Francisco  
Luiz de Saldanha, digno official do  
corpo de fazenda.

Cordialmente comprimentamos a S.S.

Da cidade de S. Borja, no Rio Gran-  
de do Sul, chegou a esta capital, afim  
de visitar a sua exma. familia, o nosso  
sincero e estimado conterraneo Adol-  
pho Nicolich.

Satisfeitos comprimentamol-o.

Continúa enfermo o conceituado 1.<sup>o</sup>  
escriptorario da thesouraria de fazenda  
do Maranhão o Sr. Candido Mel-  
chiades de Souza.

Imploramos a Deus o seu restabele-  
cimento.

Acha-se quasi bom de sua enfermi-  
dade o nosso digno conterraneo Sr.  
Eduardo Freysleben, moço a quem  
consideramos pelos seus bons predi-  
cados.

Por esse motivo, saudamol-o.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

No importantissimo e notavel esta-  
belecimento, na Côrte, dos Srs. Laem-  
mert & C. acaba de ser publicada uma  
optima obra com o titulo PARADOXOS,  
do festejado escriptor Max Nordau,  
traduzida por M. C. da Rocha. Da casa  
Laemmert recebemos um «specimen»  
da dita obra, por onde se pôde julgar  
sua supremacia.

Acompanhava-o uma circular dan-  
do-nos autorização de recebermos assi-  
gnaturas para a referida obra.

A respeito dos PARADOXOS diz a cir-  
cular: «Sobre o valor d'esta obra a  
opinião da imprensa na Europa tem-se  
pronunciado diversamente, uns con-  
denando em absoluto, sem prévio  
exame, as theorias emittidas, outros  
exaltando a importancia das questões  
tratadas.

«D'isto resulta que o livro é notavel  
e que as questões tratadas são de actua-  
lidade e apresentadas sob aspecto in-  
teiramente novo e conveniente.»

Custa um volume de mais de 400  
paginas 5000, impresso nitidamente  
em typo elzeviriano.

— «A Revolta», de Campinas, São  
Paulo, folha dedicada ás ideias repu-  
blicanas.

Admiramos com criterio os seus ar-  
tigos sublimes.

— «A Vida», de S. José dos Campos,  
S. Paulo, de propriedade do Sr. Antero  
de Paula Madureira.

— O «Mandarim», folha critica  
litteraria da cidade de Pelotas, Rio  
Grande do Sul. A sua leitura apresen-  
ta muito agrado.

E' seu proprietario o Sr. J. A. de  
Moura.

— A «Gazeta de Campinas», que  
apparece diariamente na cidade que  
lhe dá o nome, em S. Paulo, sob a re-  
dacção e propriedade do illustradissi-  
mo escriptor Carlos Ferreira, ainda  
continúa a honrar-nos com a sua digna  
visita.

A leitura da «Gazeta» é agradabilis-  
sima e honesta.

— O «Typographo», d'esta cidade,  
propriedade de alguns empregados do  
«Conservador», o qual sahe semanal-  
mente.

E' seu redactor o Sr. Pedro Goude-  
moço que apreciamos cordialmente  
pelo seu amplo talento.

— A «Cidade do Desterro», que  
reencetou a sua publicação no dia  
do corrente.

Continúa como sempre — critica  
litteraria.

## Logogripho

Oh santas que embalais os berços das creanças,  
E assim lh'as revestis de floreaes esp'ranças;—11  
(8, 4, 11)

Que andais sempre a cuidar das almas por abri-  
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!—11  
(9, 10, 12, 13)

Que é Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,  
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel,—11  
(8, 3, 6, 7, 5, 6, 8, 11)

Fazendo ennobrecer quem lhes seguir o exemplo  
Sois vós que conduzis ao portico do templo—11  
(8, 9, 6, 13, 5)

Coroado de laureis a fronte scismadora,  
O arco triumphal que o cêrca d'uma aurora.—11  
(8, 9, 2, 8)

Mas nós, cabeças vãs, escravos do amor,  
Andamos a dizer: Beatriz! Leonor!—1, 2, 3, 10  
(11, 6, 8, 13, 5)

Oh, santas, perdoai; lá tendes o Senhor,  
Que vos cobre de luz, de bençãos e d'amor.—11  
(2, 3, 4, 5, 6, 13)

## CONCEITO

Ensinou a brandura ao tyranno;  
Ao soberbo dos justos a lei;  
Ao avaro bradou:—sé humano!  
E ao perverso e ao impio:—tremei!  
—Deu ao fraco palavras de vida,  
Deu ao triste consolo na dôr,  
Deu a todos esp'rança perdida  
D'outro reino de paz e d'amor.

JOMARBE.